

Suplentes em Xeque

Entre o primeiro e o último dia da semana, o senador Mário Calixto Filho passou de empossado a personagem de processo por perda de mandato. A Mesa do Senado resolveu ir da palavra à ação com base em decisão do Tribunal Regional Eleitoral de Rondônia, que suspendeu seus direitos políticos por des cumprimento da Lei Eleitoral.

Ontem, o Senado dormiu no ponto ao empossá-lo sem considerar a decisão do TRE. A questão criada com a posse do substituto do senador Amir Lando, que se licenciou para ser ministro da Previdência Social, é antiga. A repercussão negativa despertou os senadores para um aspecto da questão que negligenciavam: a inautenticidade representativa dos suplentes de senador.

O que está em causa é a própria figura do suplente, que faz um papel que nada tem a ver com o titular. O fato de pertencerem ambos à mesma legenda

não implica compromisso de qualquer natureza.

Não há mais razão para a sobrevivência do suplente de senador, cuja eleição é um subproduto que nada acrescenta à democracia. Ao contrário, reduz a credibilidade do voto. A maneira como são escolhidos, algumas vezes como gratidão pessoal, outras como retribuição de favor, degrada a credibilidade do mandato. É preciso ter em conta que o suplente não se elege. Toma carona na campanha do titular e procura passar despercebido. Não agrupa votos. Muitas vezes negocia com o titular e depois dividem o mandato entre os dois: metade para cada um.

Já se viu, por via eleitoral, muita deformação do voto, mas nenhum caso deixou de ser exceção. O suplente é figura que não se justifica e, ao contrário, compromete a legitimidade do mandato. O senador existe e ocupa lugar na vida política. O suplente, não: é um fantasma.